



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO

Filhos ilegítimos?

O nosso jornadear por África não nos tem permitido ser assíduos a esta empresa que visa mudança de mente a respeito deste capítulo da lei e também dos métodos de fazer leis. Por nós não desistiremos de prosseguir enquanto a vida nos fôr revelando as incongruências da lei; nem acreditamos que seja estéril a caminhada.

«Assente a necessidade de se manter a distinção das duas modalidades de filiação», o

Autor da lei trata da «orientação seguida em relação a cada uma delas» e com alegria o dizemos — embora confesse timidez a respeito de soluções «fora da orientação geral das nossas leis», lança-se por caminhos mais ousados.

Na verdade não consigo entender como durante tanto tempo a lei se permitiu ignorar situações de facto, tais as resultantes de casais separados gerando fora do lar filhos que,

em muitos casos, tinham de ser registados, «como procedentes de mãe ou até de ambos os pais incógnitos, agravando-lhes consideravelmente a situação». O próprio legislador chama de injusto este regime, até há pouco vigente. Era a lei a consagrar uma mentira.

Quanto clamores nos não têm chegado deste teor! Espero voltar ainda a este ponto, à luz de casos e casos descritos em cartas que não tenho à mão. Ignoro como a lei resolverá estes problemas. Oxalá o faça tendo bem presentes os direitos dos filhos nascidos daquela situação, de facto sem demasiado favor de as fomentar, mas muito firme em distinguir entre as ditas situações e os filhos que originam, para que não pague o justo pelo pecador.

«No tocante à filiação ilegítima devem distinguir-se dois problemas (...): o do reconhe-

Continua na SEGUNDA pág.



A Rosária vai dentro de dias fazer 20 anos. Se tu a vires dá-lhe 4 por favor, de tão pequenina!

É anormal física e mentalmente. O porquê não se atina facilmente.

De quantos poisam nela o olhar arregalado salta espontâneo o tradicional «coitadinha».

Ora eu ando cansado de afirmar que aqui em casa não se usa tal termo. Não diz nada. Diz sim, e muito, da pequenez de quem o pronuncia. Que se resolve com ele? Igualmente nada.

Quando o doente é normal sente-se ferido na sua dignida-

de com tal adjectivo, ainda que este pareça carinhoso.

Não digo que procure eliminar no doente o sentido do sofrimento. Seria roubar-lhe toda a riqueza espiritual que a doença pode produzir. Mas desejo ansiosamente valorizar a pessoa que é o doente. Valorizá-la pelo trabalho que pode produzir apesar de tudo; valorizá-la pelos conhecimentos de que é capaz; valorizá-la pelo convívio que pode gerar à sua volta. E tenho descoberto riquezas humanas guardadas no seio de tantos! As deformações, ou as ausências

de parcelas corporais são acidentes no homem; — este está para além delas!

Quando começaremos a encarnar os enfermos com respeito, não olhando primariamente para a sua diminuição física, que talvez brote mais rapidamente a nossos olhos, mas procurando descobrir o que neles há de digno, de meritório, de valioso, para os estimularmos a serem e a sentirem-se mais dignamente humanos? Não venhas, pois, com tal elogio negativo que me podes ter ao lado a corrigir.

Padre Baptista

Setúbal

Crizanto partiu, no dia dois, como Alferes, para Angola. No cais de embarque, ouvi-lhe, para um dos seus soldados:

— Então fulano (pelo nome) parece que estás triste!...

— Não meu Alferes, isto é só uma mágoa antiga, disse o moço!...

Andamos adiante. Eu de vez em quando, despercebidamente observava-lhe o semblante. Roldo de saudades... Estavam no cais alguns familiares seus, a sua noiva, e familiares desta. Em todo ele haviam sinais da vivência daquele momento: — A incerteza do futuro, a responsabilidade que investia, a decisão que o dominava!...

Jamais poderei esquecer a sua atitude na hora da despedida em Casa.

Nesse dia, por aflições que convergiram de todos os lados eu perdi a noção do extraordinário da hora e ralhei-lhe. O rapaz, senhor de si, volta-se para mim: — «parece que se esquece que estou na véspera do meu embarque».

A parte, vem entregar-me o livro de cheques: — «Fique-me com isto, e quando precisar utilize o meu dinheiro que fica à disposição». Mas como? disse eu. — «Tem lá a sua assinatura». Eu lembrei a cena de há um ano:

O novo aspirante começou a ter ordenado. Veio para mo entregar. Eu não quis. Não. Abre uma conta tua. Se quiseres posso assinar contigo. Amealha para a mobília da tua casa e futuro da tua família.

Pelo Natal do ano passado veio com uma nota de mil escudos: — «Tome lá para a consoada». Não aceitei. O rapaz ficou tão triste que me arrependi da atitude e dei o dito por não dito!

CONTINUA NA SEGUNDA PÁGINA

Lourenço Marques

Não valeria a pena voltar à fala sobre a nossa volta pela Província, senão porque na medida da aproximação do fim, mais sentimos o calor da amizade daqueles poucos que nos esperavam e apaixonadamente puseram todo o empenho em que tivéssemos larga audiência. Neste ponto em todo o lado menos em Tete e Vila Cabral, foi um fracasso. O êxito de há anos em Nampula, onde a sala a transbordar escutou a palavra do Padre Carlos, não se repetiu. Outros espectáculos e Festas de Natal tiveram lugar naqueles dias, e nós que íamos mais para dar que receber, não tivemos quase quem nos ouvisse. Isto é verdade. No momento em que a Obra da Rua, com créditos bem firmados, lança raízes em Moçambique num trabalho de valorização social tão necessária, seria de prever mais apoio. Não escondemos o

facto precisamente para afirmar que para nós não é desilusão. Vieram os que quiseram vir, os verdadeiramente interessados. Outros, curiosos apenas, seriam turba, encheriam os olhos, mas não o coração.

Em Nampula encontramos um dos nossos rapazes do Tojal — o Cascais, hoje mais estabilizado na vida, em vésperas de casamento. Moço com óptimos recursos profissionais, que não tem sabido aproveitar ultimamente. Veio ao nosso encontro também o Xico que foi do Lar de Coimbra. Já com o serviço militar cumprido como alferes, aguarda o regresso a Luanda onde tem o seu lar. Já em Tete estivemos na casa do Lita, companheiro deste nos estudos até ao primeiro ano da Universidade donde os

CONTINUA NA TERCEIRA PÁGINA



PATRIMÓNIO

dos Pobres

Vicentinos de Vila Real de Santo António dão hoje o tom: — «Tem a nossa Conferência prosseguido, sem desfalco, na construção de casas para famílias pobres, sem pagamento de renda, pois apesar de termos já onze casas continuamos a deparar-se-nos casos de verdadeira promiscuidade no tocante à habitação de muitas famílias pobres e desamparadas da nossa freguesia o que nos dá ânimo para prosseguir na nossa obra. Assim, temos em construção mais cinco casas. Iniciámos a Obra há cerca de um mês, mais com os olhos postos em Deus, do que no saldo em caixa».

Nunca nos cansaremos de dizer que é com os olhos postos em Deus e na necessidade dos irmãos, que se fazem todas as obras de misericórdia, pelas quais Deus também nos julgará no nosso dia. Os Vicentinos de Portugal inteiro, a quem se deve grande parte do Património dos Pobres, testemunham isto mesmo. As obras de misericórdia não se realizam com dinheiro, mas sim com amor actuante.

Quando alguém nos aparece a pedir auxílio, e diz que já tem tanto e quer a certeza do nosso quanto para depois começar, ficamos logo a saber que não é capaz de fazer obras

desta natureza. É pagão. Ainda não entendeu como Deus realiza as Suas obras.

Há tempos o telefone chamou por mim duas vezes. A primeira era a perguntar se eu ia por aqueles dias a Coimbra. Na segunda queria saber se em tal dia estava em casa e se o podia receber. Não disse quem era, nem o que queria.

No dia marcado, quando manhãzinha me dirigia para a capela, aproxima-se um homem ainda novo, muito magro e pálido, pobremente vestido e de boina na mão. Ao lado, encostada à parede, estava uma bicicleta. Partira de madrugada e andara já trinta e tal quilómetros, naquela manhã fria de Novembro. Vinha pedir uma casa do bairro de N. S. de Fátima. Contou a história triste da família. Ele tem passado a maior parte do tempo em sanatórios. Não pode trabalhar. A mulher, muito doente, está períodos longos internada em neurologia. Têm quatro filhinhos. Vivem numa miserável casa e há muito que não pagam a renda. A mercearia já não fia. A padaria também não. A leiteira do mesmo modo. Não têm qualquer subsídio. Vivem só de alguma coisinha que lhes dão. Os filhinhos já o ano passado andaram na creche das Irmãs.

zinhos. São elas que lhes valem.

Eu ouvi tudo de mau grado. Já conhecia há muito a história daquela família que, infelizmente, é verdadeira. Quase quis ralhar com o homem por ele ter vindo. Não lhe dei nada, nem esperança. Ele delicadamente partiu triste. Eu fiquei triste também. Segui para a capela e, de joelhos, pedi perdão ao Senhor, mas havia de ter pedido perdão também àquele irmão que recebi mal.

No fim da Missa peguei no telefone e liguei para as Irmãs. Falei na vinda do homem. É a maior miséria que conhecemos — respondeu a Irmã Maria Cecília. E elas que conhecem tantas e tão grandes misérias!...

Esta família que há dois anos espera por uma casa, continua a esperar, embora eu aparentemente não lhe tenha dado esperança.

Se por toda a parte houvesse vicentinos como os de Vila Real de Santo António, que diante das famílias pobres e desamparadas, da sua freguesia põem mãos à obra, mais com os olhos em Deus do que no saldo em caixa, como todos nós seríamos mais felizes! E todas as famílias pobres e desamparadas teriam pão e casa.

Padre Horácio

FILHOS ILEGÍTIMOS?

Cont. da PRIMEIRA página

cimento e o dos efeitos atribuídos à filiação reconhecida». E embora «este segundo problema» esteja, «por agora, fora do âmbito do «seu» trabalho», o Autor da lei não perde a oportunidade para reafirmar a sua posição a respeito

dos filhos ilegítimos, ao declarar que, quanto a estes, «a questão dos efeitos de filiação é resolvida de forma tão favorável, que, em alguns casos, quase se não faz diferença entre a situação deles e a dos legítimos, especialmente quando não concorrem com estes».

Neste aspecto oxalá a nova lei não inove, porque, sendo a filiação uma relação substancial, não é o acidente de um adjectivo que deve diversificar essencialmente os efeitos dela, conforme foi processada na legitimidade ou na ilegitimidade. E então, quando nem há concorrência com os legítimos, não sei que outros interesses merecerão mais salvaguarda do que os dos filhos, gerados embora na ilegitimidade.

Deixando o problema do reconhecimento da filiação para um próximo artigo, queremos desde já afirmar que a perfiliação, voluntária ou provocada, embora não tire o filho da sua condição de nascido em ilegitimidade, lhe dá, entre os outros efeitos da filiação, um nome e, se ela for feita em tenra idade, o direito a educação e amparo, valores extraordinariamente importantes e como tal reconhecidos, por muitos ilegítimos, mais preocupados com eles do que com o direito à herança.

SETUBAL

Cont. da PRIMEIRA página

Ao jantar da despedida, que foi um pouco melhorado, depois de falar, ele levantou-se, olhou a todos e, comovido, em choro, disse: «Só vos peço que no trabalho, no jogo da bola e nas orações peçais a Deus que eu seja capaz de vencer a guerra; não a guerra com os turcos que não me mete medo, mas a guerra moral; para que seja digno de voltar a esta Casa»...

Se a Juventude de Portugal fosse toda assim!... Se em Casa todos os rapazes recebessem com igual fertilidade o que a Obra dá, nós reberntariamos de felicidade!...

Padre Acílio

Ass. 16102 com 1.000\$. Uma comissão de amigos da Rua Lindo Vale, fez uma quete que nos rendeu 920\$. De França, 124\$70. «Lecista de Figueira», com 1.000\$ dum trabalho. De Rio Tinto os 100\$ de todos os meses. Visitantes com 4.000\$ moçambicanos e 1.000\$ metropolitanos. Mais 20\$ do Porto. 70\$ de Lisboa. 6.000\$00 de S. Mamede. Dum senhor Engenheiro, de Lisboa, 5.000\$. Casa Delmar com 103\$. Medicamentos dum médico amigo, de Barrancos. Mais 500\$ de alguns visitantes com 1.000\$. E. D. M. com os 20\$ do costume. Roupas da Figueira da Foz, Coimbra, Mafra e Lisboa. E mais um pacote delas, por intermédio de Alguém do Diário Popular. Mais uma palavra amiga e grata aos Senhores da Comissão Beneficente da Queima das Fitas da Universidade do Porto que, desde há longos anos, não nos esquecem. Ainda agora a Comissão de 1966 repartiu connosco o saldo das festas. Recebemos 20.710\$00

Da Tabacaria Luso, da Praça da Batalha, um vale de

Do que nós necessitamos

850\$, produto de donativos lançados no mealheiro existente nesse estabelecimento. 400\$ de Lourenço Marques. 2 pares de sapatos da Figueira. Mais de graças concedidas por intermédio de Pai Américo; 100, 800\$, 200\$, 20\$, 160\$, 150\$, 200\$ e 150\$. Dos operários da Secção de Montagem de Materiais da Empresa Electro-Cerâmica de Vila Nova de Gaia, 160\$. Da Murtosa, 500\$. Anónimo com 120\$. De M. L. 200\$. Ass. com 1.500\$. De algumas reformadas da Fábrica do Jacinto, 100\$. Do sobrevivente do casal R. D., várias presenças mensais de 50\$. Mais 40\$ por mês e a significativa legenda: «Obra de Deus — Para os Pobres. Que

sejam secretas a dádiva e o nome». «Amargurada pelo dia 22», não falta nunca e cá vai com os 50\$ de todos os meses. Os silenciosos 20\$ da R. da Madalena. António cá vai também, com os donativos habituais «Para o mais pobre dos Pobres», 500\$.

«Para que Deus nos ajude no início de uma nova vida», um cheque de 250\$. Da Inviçta, 100\$. Lisboa com 200\$. Júlia com 100\$. Duas irmãs muito amigas, não se esqueceram da nova Casa do Gaiato de Lourenço Marques, e enviaram-nos lençóis, toalhas de rosto e de cozinha. Várias ofertas destinadas àquela Casa, têm sido recebidas. De Bairro — Minho, a oferta anual de um pacote com tecidos que um casal Amigo envia, «recordando o dia 6-11-931». Do Porto, 50\$. Mais 150\$ de Lisboa. Estamos no inverno e o mesmo é dizer no tempo em que o frio se faz

mais sentir. E por tal, cá está a Senhora das camisolas com 30 delas, bem quentinhas, por sinal. O Senhor lhe pague.

O primeiro ordenado mensal, de um pequenô operário, trouxe-nos 70\$. Espargo com 40\$. De Amadora chegamos, todos os meses, 75\$ em selos de correio. É uma presença a que já nos habituámos. Mais 40\$ da mesma terra. Mais 5 contos da Farmácia Lima, de Torres Novas. Um par de sapatos de R. Moura. Roupas da ass. 12382. Mais pacotes de vestuário de Lourenço Marques, Murtosa e Caldas da Rainha. Vários donativos de promessas e graças cumpridas, 250\$ do Porto, 100\$00 de Rio Tinto, de Amigo vicentino. «Uma Mãe» com 300\$. Mais uma bolada de 5.000\$ de anónimo. Um relógio de Zé e Tina. Graças a Deus, os nossos bons Amigos não se esqueceram do Natal e aparecem contentes com o seu óbulo.

Da Guarda, um médico envia-nos 1.000\$ e «Minha mulher, nove filhos e eu somos o ass. n.º 4690 de «O Gaiato». Por intermédio da Ideal Rádio, 10\$ e mais 50\$. De Redondo 1.200\$. «Uma Mãe sempre preocupada», com 100\$. Mais um vale de 200\$ do Juncal. 50\$ do Porto, de quem aparece mensalmente. Medicamentos de um senhor Doutor amigo de Barrancos. Anónimo com 1.000\$. Por intermédio de «O Comércio do Porto», 150\$. E 100\$ de ass. de Rio Tinto, também de todos os meses. 100\$ dum militar. Maria Helena com 100\$. Mais presenças de 150\$, 50\$, 50\$ e 100\$. Mais 300\$ de Grândola, produto dum encontro de futebol entre a Escola Agrô-Industrial e o Externato D. Jorge.

Outra das presenças a que já nos habituámos, é a da Avó de Moscavide. Cá vai ela com 50\$+150\$. E gratos pelos vossos amigos de Natal feliz. Mais 1.000\$, «contribuição do pessoal médico de enfermagem e administrativo do Posto n.º 3 da Federação das Caixas de Previdência e Abono de Família». Bem hajam, 240\$ de Vila Nova de Ourém. Viúva de Rio Tinto com 20\$. 100\$ do Por-



O nosso Natal. Foi simples. Muito simples. Uma festa familiar. O padrão por que se regem as Casas do Gaiato é a Família. Têm as suas limitações, é certo. Limitações próprias de uma família tão numerosa como a nossa. Somos 80. O mais pequenino tem alguns meses e o mais velho é pai.

Reunimo-nos todos na Casa Mãe, à hora da Ceia. Foi o primeiro Natal na Casa Mãe. Ela é fruto do Amor. De muito Amor. É uma maravilha do Amor. Os azulejos, os mosaicos, as tintas, as luzes, o mármore, os candeeiros são fruto do Amor. As paredes, os tijolos, as madeiras, os tectos, fa-

lam-nos do Amor. A mobília da sala de visitas também.

Não estivemos sós, à hora da Ceia. Estiveram presentes os presos da cadeia de Benguela que compartilharam dos nossos bolos e do vinho que nos destes e das roupas. Estiveram os operários com quem dividimos os teus carinhos. E tantos e tantos que não somos capazes de enumerar.

Um casal esteve presente com esta dedicatória: «Só hoje me foi possível enviar esta pequenina importância porque tenho muitos filhos». Um outro com um cheque de 5.000\$00. Mais 150\$, de Novo Redondo «para as borboas do Natal». Bolos, azeite, açúcar, arroz,



champanhe, vinhos e outras goluzeimas que foram as delícias dos mais pequeninos e mais velhos. Brinquedos de todas as espécies. São pais, cuja Caridade passa as barreiras do lar, na ânsia de dar felicidade. Bolos-rei, rebuçados, conservas, etc. Comemos do

bacalhau que nos destes regado com o azeite que o acompanhava.

Sentimo-nos rodeados de carinho, amizade e delicadeza da gente boa desta terra. Mais duas notas de 1.000\$, do Lobito. Mais delicadeza: «agradeço o favor de considerar o meu donativo como anónimo e que a Obra singre sem dificuldades — 500\$». As dificuldades são a argamassa das obras de Deus. «Em acção de graças recebidas — 500\$». É um testemunho de fé esta dedicatória. O Deus que está nos céus é o mesmo Deus presente em cada um dos nossos irmãos. Mais 500 de um casal amigo. 100+50 deitados com muita delicadeza no bolso da camisa. De um anónimo, 100.

Para quem ama não há distâncias. De Luanda, um cheque de 5.000\$ e «que Deus abençoe a vossa Obra — Feliz Natal». De uma amiga que se esconde num cartão de Boas-Festas, 1.000\$. «Em cumprimento de uma promessa pelos bons resultados nos estudos de meu filho, 500\$». E mais 500\$ de um casal amigo. De anónimo, 100\$.

«Três amigos, simpatizantes da vossa Obra, oferecem 2.000\$ e imploram as melhores bênçãos de Deus». De Vila Pereira d'Eça, 400\$. Também na Cuanhama a fogueira está acesa. Mais carnes. Pessoa amiga,

agora na Metrópole, manda entregar 333\$50. Outro cheque de 500\$00.

Neste nosso Natal tivemos a alegria de ver presentes um grupo de funcionários dos correios que há meses se cotizavam para não faltarem na noite de consoada, 500\$. Outra nota de 500\$ deixada em nossas mãos. Tem sido admirável a perseverança das casas que nos dão o peixe para as nossas refeições. Não podemos deixar de lembrar aqueles que decidiram espontaneamente retirar do seu orçamento o quinhão dos Pobres, todos os meses. Estiveram connosco os pequeninos do Abrigo de Infância e as pequenas da Casa das Raparigas e o Colégio de N.ª S.ª da Conceição. De um casal muito amigo da Obra, com a recomendação expressa de absoluto segredo sobre o seu nome, caíram em nossas mãos 12.500\$. Delicadeza; receio de estragar com a vaidade o que é dado por Amor.

E vimos muitos mais, à nossa volta. Vimos todos aqueles pequenos que aguardam a hora de entrar. As mesas lá estavam à espera deles. Pensamos neles; vivemos a noite de Natal em que as mesas não de encher-se. Alguns estão em Luanda; outros em Benguela e no Lobito e Catumbela; outros em Silva Porto e no Luso; outros ainda em Sá da Bandeira. Vimos o dormitório dos «batatinhas» ainda sem camas para os receber. São uma dúzia. Vemos a enfermaria também vazia, à espera das mesmas. As panelas que ora temos já são pequenas. Fui saber de preços mas ainda não tive coragem.

Foi assim o nosso Natal.

Padre Manuel António

TRIBUNA de Coimbra

Alguém me segredava há tempos que os «padres da rua» andam sempre a sangrar. Era padre também e tem alma de apóstolo. Conhece-nos de perto e sente conosco.

Tem razão este padre. De facto, andamos sempre a sangrar. A sangrar pela vida em sangue dos irmãos. Nós fazemos parte do Corpo Místico de Cristo. A avançar da nossa vida é a Fé que nos leva ao Amor.

Portugal inteiro (e até parte do Mundo) sangrou com a tragédia de Lisboa. Despertou em todos um movimento intenso de solidariedade humana e cristã. Centenas de irmãos foram surpreendidos pela morte e milhares foram atingidos pela dor, outros pela dor e pela miséria. Não teríamos entranhas humanas se não sentíssemos em nós a desgraça dos outros.

Contudo reexamos que o movimento de solidariedade passe depressa e a maior parte dos «desgraçados» continue a sofrer a sua desgraça no abandono. Mas aí da Sociedade que vive demasiadamente do sentimento e não atende ao espírito! Este é um motivo do nosso sangrar permanente, pois estamos em contacto com tragédias que todos os dias vão acontecendo.

Chegados ao Sul e ainda cansados do temporal fomos chamados pelo telefone do nosso Lar. Era a senhora: Olhe, outra grande desgraça. E começa a contar. Na véspera tinha caído de uma oliveira e tinha morrido um chefe de família com 7 filhos pequeninos, um deles no ventre da mãe. Estava ali ao pé a sogra que também vivia com eles e vinha pedir umas roupinhas de

luto. No dia seguinte toda a família passou por nossa Casa. Iam a caminho da morgue e não sabiam onde ficava. A senhora foi com eles. Depois da autópsia realizou-se o funeral.

Regressaram à pobre barraca mergulhados na sua dor e ameaçados pela notícia de que a morte do marido e Pai não tinha sido de queda, mas sim doença súbita e mortal o acometera no caminho. Foi assim publicada a notícia.

É geralmente assim. Os que morrem já não falam. Os que podem alijam responsabilidades. Os responsáveis procuram defender-se. As autoridades são mal informadas. «Bem-Aventurados os que têm fome e sofrem por amor da justiça, porque deles é o Reino dos Céus».

Conhecemos e ajudamos há anos esta família. A mãe tem sido uma mulher valente no amor aos filhos e na doença. Vezes sem conta tem corrido para o hospital com os filhos ao colo. Mesmo que ande a cair não perde a coragem. Quando pode agarra-se com alegria a qualquer trabalho. O Pai era um homem bom e muito amigo da mulher e dos filhos. Sem grande rasgo para a vida; mas trazia para casa todo o pouco que ganhava no seu trabalho humilde.

Há dois anos, trouxeram para sua companhia a mãe dela que, já velhinha, vivia sôzinha na Beira.

Os filhos são um amor de delicadeza. Temos levado os mais velhinhos para as nossas Colónias de Férias.

A vida desta família ia agora melhorar. Tinham já contratado uma casa com divisões para onde iriam mudar no fim deste ano. Criaram uns animais e o produto seria para comprar uma mesinha e cadeira para a sala. E mais planos lindos que os Pobres procuram fazer para seus filhos que são sempre a sua grande riqueza.

De um momento para o outro foi a tragédia. Tudo se foi. A arranca da oliveira partiu e ele caiu no chão. A vida terrena desapareceu. Cá na terra para ele tudo acabou. Ficou mais uma família mártir.

Se até aqui era uma família que nos fazia sangrar, d'ora avante a nossa ferida estará mais aberta. Hoje mesmo virá a pobre viúva falar comigo.

Eu tenho esperança de que a Justiça será justa. Se não for, terá de vir a Caridade ocupar o lugar da Justiça. E haverá mais sangue.

Padre Horácio

Na verdade, a amortização da casa era essa, tal qual.

E agora que já tenho a «minha» casa, sem qualquer hipoteca a onerá-la, venho cumprir o voto que fiz quando meti mãos à obra, com a ajuda de Deus. Agora que gozo a minha casa com vida e saúde, trago a minha oferta a Deus por intermédio da vossa Obra, de que sou grande e velho admirador.

Quero que saiba, que trouxe comigo os meus filhos a quem expliquei a Obra dos rapazes e o que representou a nossa vinda aqui, hoje. Disse-lhes que tinham de esperar mais tempo pela bicicleta que há tanto tempo pedem, porque também eles tinham de se sacrificar um pouco pelos rapazes que nada tinham.

Que Deus vos ajude a todos.

Um amigo da Obra dos Rapazes».

A nossa gratidão benfeitores, Amigos. Que o Senhor Jesus vos pague.

Manuel Pinto

to. Mil de Lisboa. Do Sr. Manuel da R. da Corticeira, 40\$ por duas vezes. Maria Madalena com 1.000\$. O primeiro ordenado de um doente após a sua reabilitação, 1.150\$20. Da cigareira Alice Pequena, 100\$. Mais 200\$ de Lisboa. E o muito de várias formas e feitios, que a generosidade dos nossos benfeitores deposita no Espelho da Moda ou entrega pessoalmente no nosso Lar do Porto.

Mais medicamentos de Santarém, 100\$ do Porto. Anónimos com 100\$, 50\$ e 200\$. A. C. com 100\$. De Paris, Palmira lembra-se de nós, de quando em vez, e envia-nos um cheque de 100 francos. O Senhor a ajude. 750\$ de Torres Novas. Um portuense com 100\$. Idanha-a-Nova com 20\$. E mais 50\$, «dum Tomarense vosso admirador».

E o muito que recebemos e que aqui não vês, leitor amigo. Mas tem a certeza que cá chegou.

Mais uma carta, que finda esta crónica. Ei-la:

«Faço questão que seja assim. Precisamente 3.155\$20.

Lourenço Marques

Cont. da PRIMEIRA página

foi buscar o serviço militar. Mas destes nossos encontros, que nos perdoem os outros, o que mais ansiávamos era o de Quelimane, com o nosso Teles. Por isso, quando no aeroporto, à espera de avião para Porto Amélia, soubemos que não se realizava o voo por avaria, embarcámos logo para Quelimane. O Teles estava no seu escritório de gerente da Sena Sugar. A sua casa é ali perto. Foi lá que vivemos aqueles três dias cheios de recordações e amizade.

O nosso primeiro encontro foi com um grupo de rapazes, a quem Padre Carlos falou. Receptivos e inquietos, interessaram-se a fundo pela Obra e quiseram ser eles até vendedores do nosso Jornal. Neste momento já partiu a primeira remessa. São os rapazes do Pa-

dre Bernardino. Depois falámos no cinema. O número de ouvintes não era grande, porém muito valorizado pela assistência do Senhor Bispo com seus Padres. A sua presença encheu o nosso coração, e certamente todos foram cheios também.

Quelimane é formosa pelo traço e asseio das ruas, muito recortadas de pequenos jardins, mas o mais característico são os seus palmares. Altos coqueiros, de troncos recurvos e anelados atirando ao céu as suas palmas e agora cheios de frutos. Andámos por baixo deles numa safra com o casal Teles a visitar o seu Pobre. Eles são vicentinos! Que momento feliz! Quem diria que o Pai Américo, que viveu ali perto no Chinde, haveria de escrever: «estão aqui os alicerces seguros de uma Obra cristã».

Padre José Maria



PELAS CASAS DO GAIATO

SETÚBAL

Como preparação para o Natal tivemos este ano o nosso retiro. Ele veio lembrar a extrema necessidade que há em nos voltarmos para dentro de nós e analisarmos os porquês da nossa existência.

Na medida em que mais conscientemente reflectimos sobre essas interrogações que em síntese constituem a nossa essência ou fundamento é nessa mesma medida que damos um passo em frente, nos aperfeiçoamos e estamos simultaneamente aptos a receber o Deus-Menino de braços abertos e a permitir que Ele nasça em nós como um dia muito distante nasceu numas pobres palhinhas em Belém.

Deste modo suponho eu que tenha sido o Retiro a principal causa que contribuiu para a renovação operada em nossa Casa durante esta quadra festiva. Houve mais alegria e mais comunhão com Aquele que se sacrificou por nós.

Tenho a certeza absoluta que esta renovação foi lançada em germen na grande maioria dos rapazes. Há um conjunto de factos que tornam bem verídica esta minha afirmação. Recordo ainda o empenho com que os nossos rapazes se lançaram para a festa do Natal. Houve sacrifício da parte de todos para que lá fosse levada a

efeito, para que estes que vivem à volta da nossa Casa tivessem um pouco de alegria e conforto, ao menos na noite de Natal. Ela foi um êxito e todos riram e gostaram. Houve alegria, houve sacrifício. Não é isto Natal? Não é isto algo de novo que nos vai cá dentro? E a presença do «Menino» em nós!

Depois da alegria da Festa do Natal seguiu-se a Missa da meia noite. A capela estava cheia. A Missa sonora e vibrante. Quase todos comungaram. Vida!

No dia de Natal, no entanto, haviam muitas caras tristes. Investiguei: as prendas do Menino Jesus foram fraquitas. E começou a descrição.

Felizmente muitos dos mais velhos compreenderam quanto as nossas finanças andam em baixo e calaram-se... No entanto, continuamos a esperar que seja melhor para o ano.

Quanto aos bifes para o nosso pequenino é que foi uma verdadeira recepção. Felizmente que ainda há tanta gente que se lembra dos irmãos necessitados. Se todos assim procedessem, onde estariam as Casas do Gaiato...

Pois o nosso amigo não deve ter dito muito mal do nosso Natal, este ano. Com a carrada de material que lhe deram! Se a todas coubessem prendas destas não haveriam «caras tristes» cá pelo bairro, não! Haveriam, sim, rostos serenos e alegres.

Rogério

LOURENÇO MARQUES

A nossa comunidade esteve toda reunida na Festa da Família com a presença de alguns gaiatos que se encontram cá na Província e também do «Ferramenta» e sua esposa que se encontram na África do Sul. Depois da ceia fizemos uma fogueira em torno da qual nos divertimos e demos um ar da nossa graça e da imaginação própria de cada um. O João acompanhou à viola diversas cantigas que a rapaziada ia cantando e que ele sabia; assim passámos aquelas horas em família até à meia noite para de seguida irmos à Missa do Galo. Nela pudemos lembrar todos os nossos irmãos, familiares e amigos.

De toda a parte chegam carros de pessoas que nos vêm visitar e nos deixam as suas lembranças como bolos, coelhos, galinhas, etc. São todos os dias e são tantos que tivemos de distribuir pelos nossos vizinhos e mesmo assim temos comido todos os dias. Também um grupo de escuteiros veio

trazer-nos um rancho muito completo. Estamos muito gratos por todas estas lembranças e que Deus vos pague.

Também no passado dia 23 chegou ao Porto de Lourenço Marques o paquete «Príncipe Perfeito» que trazia um contingente de tropas no qual veio um dos nossos rapazes que pertence à Casa de Miranda, o Fernando «Palhinhas», que também consoou conosco.

A nossa comunidade é ainda pequena pois a casa que habitamos é também pequena e já estamos muito apertados. Como na próxima semana é o dia do Santíssimo Nome de Jesus, sobre o qual está edificada toda a nossa Obra, queremos fazer uma graça: receber já dois africanos. E vamos receber, se Deus quiser, para que esta festa seja uma inauguração autêntica do nosso trabalho em terras de Moçambique. Esta festa é simplesmente uma festa familiar com a presença do Sr. Arcebispo e mais uma meia dúzia de pessoas muito amigas.

Telefone: sim já temos há quinze dias, mas falta ligá-lo. Não sei se será por falta de pessoal.

Correio: Já está montado o posto. Tem tido muito movimento. Nós que esperávamos que o posto fosse quase só para nós, estamos muito admirados! A nossa direcção é: Casa do Gaiato — S. Tiago do Infulene — Lourenço Marques.

Américo da Rocha

BELÉM

O Natal — Graças a Deus, este ano, passámo-lo muito bem.

Fomos à missa das onze horas, à Sé. Vimos da Missa e fomos almoçar. Almoçámos muito bem. No fim do almoço, fomos ao musgo para fazermos o nosso presépio. Quem o fez, fui eu, a Dili e a Jinha. Ficou muito bonito, mais bonito que nos outros anos, porque tínhamos mais figuras que foi uns senhores que nos deram. Pusimos o pinheiro do Natal a um canto. A gruta ficou ao centro do Presépio, onde se encontra Nossa Senhora, o Menino Jesus e S. José. Encontrámos um pequeno penedo, muito lindo, coberto de musgo e heras, onde pusemos as ovelhas a pastar. Os Reis Magos ainda vêm distantes pois eram de muito longe e chegaram lá muito tarde. Fizemos-lo em cima de duas mesas, e tapámos na frente com um pano escuro, que ficou coberto com heras a caírem. No fim do Presépio feito, fomos para o recreio. Quando viemos para cima, antes do jantar, a nossa Mãe deu-nos brinquedos, e fizemos uma rifa.

Todas nós ficámos muito contentes com os brinquedos que tivemos.

Sãozita

Aqui, LISBOA

Escrevemos em 1967 mas estes apontamentos só virão a lume no novo ano. Aproveitamos o facto para fazermos um pequeno balanço e expormos o nosso pensamento basililar para a caminhada a realizar. Deus seja louvado por tudo e nos ajude a prosseguir sem desfalecimentos.

No ano agora findo foi adquirida o novo Lar de Lisboa, terminaram-se as poeiras gerais e entraram ao serviço modernos edifícios. Os esgotos gerais da Alameda foram concluídos e os cabos das futuras oficinas ficaram aptos a receber as paredes. As condições de trabalho foram melhoradas em variados aspectos, enquanto, por outro lado, se procuraram beneficiar outras facetas de vida da Casa. A alimentação tornou-se mais rica e equilibrada e a assistência médica tornou-se mais efectiva. Dêu-se oportunidade aos Rapazes com vontade e capacidade de se valorizarem; os mais velhos tiveram o seu retiro anual e a assistência moral e religiosa foi-lhes facultada das mais diversas maneiras. No verão, na nossa casa de praia,

houve lugar, por períodos nunca inferiores a quinze dias, para receber o iodo e o mergulhar nas ondas do mar. As festas foram grande motivo de enriquecimento e a posse de uma máquina de projectar de 16 mm. uma arma mais a favorecer outros aspectos recreativos e educativos. Como tudo foi possível escapa a nossa capacidade humana de compreensão e atira-nos, em acção de graças, aos pés d'Aquele em cujo Nome tudo se processou e fora do Qual não poderemos ser salvos.

Para 1968 é ambição de todos levarmos a cabo a construção das novas oficinas e de começarmos a adaptação do chamado casal agrícola a Casa-Mãe. A captação de água, tão atingida pelo último temporal, será continuada e reparada; pelo fim do ano pensamos ter uma cabine eléctrica privativa. Não desperdiçaremos, com a ajuda do Senhor, as oportunidades surgidas e tudo faremos para inculcar nos Rapazes que nos estão confiados os valores humanos e cristãos que os po-

derão tornar dignos e felizes.

Para todos os nossos Amigos, tantas vezes instrumentos nas mãos de Deus do bem recebido, vai a nossa gratidão. A Obra é, aliás, o que tendes permitido e será aquilo que quiserdes.

x x x

Temos falado em vocações femininas ao serviço dos irmãos mais necessitados. Trata-se dum necessidade premente, que condiciona o bem que poderíamos fazer e cujo aparecimento aliviaria um pouco a pesada cruz dos poucos elementos devotados, de corpo e alma, ao trabalho em favor dos Rapazes, tantas vezes vítimas dos nossos pecados e das deficiências das estruturas. No limiar do novo ano pomos mais uma vez à vossa consideração o problema, recomendando o vosso interesse pela sua solução. Queremos vocações, notai, e não frustrações ou um arrumar de pessoas, que só viriam complicar. Uma vocação autêntica não é convertível em expressões deste mundo.

x x x

A nossa tipografia precisa de muito trabalho. Não estará ao vosso alcance contribuir para ocupar o tempo dos nossos tipógrafos e dar sentido às máquinas que possuímos? Eis outro pedido e que tem certa urgência.

Padre Luís



Os homens são muito desiguais. A grande desigualdade dos homens! Por mais reformas sociais e educativas que sejam levadas a efeito as criaturas humanas serão muitíssimo diferentes. No entanto, numa nação, numa cidade, numa aldeia, numa escola, numa simples família que diversidade de indivíduos! Tudo isso fruto de variadíssimas causas, nomeadamente do uso da liberdade. Aqui está uma das maiores causas dessa bem profunda diversidade. Ora o uso da liberdade manifesta-se de um modo particular na acção. A liberdade é toda interior; deve cultivar-se no interior; faz parte integrante dessa vida interior, mais exemplifica-se e exercita-se na acção e pela acção. Nós poderíamos ser tudo menos fatalistas; essa doutrina, essa atitude que leva ao desespero, o maior de todos os pecados. Assim acreditamos na valorização humana que se deve ter em conta em todas as idades do homem, mas de uma maneira muito particular, no tempo da sua juventude. Valorizarmo-nos e valorizarmos. Melhor: Valorizemo-nos para valorizarmos Auto-Constructão quereria ser um dos meios dessa necessária e urgente valorização. Não é obra de um momento, de uma hora, de um dia, de um ano. Será um exercício duro, continuado, permanente. Auto-Constructão valori-

zará o homem porque fortalecerá a sua vontade, em contacto com um trabalho difícil, prolongado, exigente. Será meio de valorização na medida em que lhe der a noção de valor do esforço próprio, que aumenta extraordinariamente quando se junta ao esforço de uns tantos, mais. Criar e firmar e desenvolver comunidades humanas para além da família. Mostrar os efeitos do trabalho. Não se resignar o homem ao que é ou ao que tem. A resignação — não haja medo algum de o afirmar — a resignação rarissimamente é cristã. Essa resignação que para aí vemos é preguiça, é fatalismo, é desleixo, é falta de educação, é um comodismo grosseiro. O homem não se resigna. Luta, trabalha, procura, reza, arrepende-se e sobretudo tem a coragem, a grande coragem de recomeçar. Resignarmo-nos a viver, permanentemente, sem casa própria! Nunca, pois não seria uma atitude humana e ainda menos cristã. Mas muitos outros fazem assim! E tu, Auto-Constructor e ainda tu, amigo dos Auto-Constructores, não queres ser diferentes?

(Toda a correspondência para Auto-Constructão — Aguiar da Beira).

Padre Fonseca

Visado pela Comissão de Censura



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE